

RICHARD  
OSMAN

i  
intrínseca

A bala  
que



ERROU o ALVO

O NOVO MISTÉRIO DO CLUBE DO CRIME DAS QUINTAS-FEIRAS

# A bala que errou o alvo

*Um romance do Clube do Crime das Quintas-Feiras*

Richard Osman

Tradução de Jaime Biaggio



The Thursday Murder Club © 2020 by Richard Osman

TÍTULO ORIGINAL

The Bullet That Missed (The Thursday Murder Club 3)

COPIDESQUE

Ilana Goldfeld

REVISÃO

Juliana Souza

Stella Carneiro

Thais Entriel

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O91b

Osman, Richard, 1970-

A bala que errou o alvo / Richard Osman ; tradução  
Jaime Biaggio. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.  
(O clube do crime das quintas-feiras ; 3)

Tradução de: The bullet that missed  
ISBN 978-65-5560-500-6

1. Ficção inglesa. I. Biaggio, Jaime. II. Título. III. Série.

22-79850

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Ingrid. Eu estava à sua espera.

*Bethany Waites entende que já não há mais volta. Chegou o momento de ter coragem e ver o que acontece.*

*Sente o peso da bala em sua mão.*

*Na vida, é preciso identificar as oportunidades. Compreender que são muito raras e estar a postos quando surgem.*

*“Vem me encontrar. Só para conversarmos.”*

*Era isso que o e-mail dizia. Ela repetia a frase na mente desde então. Será que deveria ir?*

*Havia uma última coisa a fazer antes de decidir: enviar uma mensagem a Mike.*

*Mike sabe da matéria em que ela está trabalhando. Não os detalhes — afinal, todo repórter tem seus segredos —, mas ele sabe que é arriscada. Está disponível se ela precisar, mas tem coisas que é necessário fazer por conta própria.*

*Aconteça o que acontecer esta noite, ela ficará muito triste em deixar Mike Wagborn para trás. É um bom amigo. Um homem gentil e divertido. Não é por acaso que os telespectadores o adoram.*

*Mas Bethany sonha mais alto. E talvez esta seja a sua chance. Uma chance perigosa, mas ainda assim uma chance.*

*Ela escreve a mensagem e clica em enviar. Ele não vai responder hoje. Está tarde. Melhor assim, talvez. Dá até para ouvir a voz dele:*

*— Quem manda mensagem às dez da noite? Só millennials e tarados!*

*Muito bem, então. Hora de Bethany girar a roda da fortuna. Sobreviverá ou morrerá?*

*Ela se serve de uma bebida e dá uma última olhada na bala. Nem é questão de escolha, na verdade.*

*Um brinde às oportunidades.*

## PARTE UM

*Um rosto familiar  
a cada esquina*

# 1

— Não preciso de maquiagem — diz Ron.

Ele está acomodado numa cadeira de costas retas porque Ibrahim lhe disse que não se deve sentar curvado na televisão.

— Não? — pergunta a maquiadora, Pauline Jenkins, retirando pincéis e paletas da bolsa.

Ela colocou um espelho numa mesa da Sala de Quebra-Cabeças. É todo emoldurado por lâmpadas cujo brilho reflete em seus brincos cor de cereja enquanto balançam.

Ron sente o nível de adrenalina subir um pouco. Isso é coisa séria. TV. Mas cadê os outros? Ele lhes disse que poderiam aparecer “se estivessem a fim, sem pressão”, então vai ficar arrasado se ninguém vier.

— Eu sou desse jeito, é pegar ou largar — diz Ron. — Este rosto é resultado da minha vida, ele conta uma história.

— Uma história de terror, se me permite o comentário — retruca Pauline, olhando para uma paleta de cores, depois de volta para o rosto de Ron. Ela lhe sopra um beijo.

— Nem todo mundo precisa ser galã.

Os amigos sabem que a entrevista é às quatro. Devem estar para chegar.

— Nisso concordamos, meu bem. Milagre eu não sei fazer. Mas lembro de você nos velhos tempos. Fazia o tipo encenqueiro bonito, né?

Ron resmunga e ela continua:

— E faz o *meu* tipo, para ser sincera. É bem o que eu curto. Sempre na defesa dos trabalhadores, não era essa a sua onda, sempre forçando a barra?

— Pauline abre um pó compacto. — Continua a acreditar nisso tudo? O poder para o proletariado?

Os ombros de Ron se retraem um pouco, como um touro se preparando para entrar na arena.

— Se eu ainda acredito nisso? Se ainda acredito em igualdade? Se ainda acredito no poder da classe operária? Qual o seu nome?

— Pauline.

— Se ainda acredito na dignidade de um dia de trabalho em troca de um salário justo, Pauline? Mais do que nunca.

Pauline faz um sinal positivo com a cabeça.

— Muito bem. Então fecha essa matraca por uns cinco minutos e me deixa fazer o trabalho pelo qual estou sendo paga, que é lembrar aos espectadores do *Boa Noite, Sudeste* como você era gato.

Ron abre a boca para falar, mas nenhuma palavra sai, o que é incomum para ele. Sem mais delongas, Pauline começa a aplicar a base.

— Dignidade é o cacete. E esses olhos lindos? Quase um Che Guevara estivador.

Pelo reflexo do espelho, Ron vê a porta da Sala de Quebra-Cabeças se abrir. Joyce entra. Ele sabia que ela não o deixaria na mão. Até porque ela está ciente de que Mike Waghorn estará aqui. Tudo isso, verdade seja dita, foi ideia dela. Foi Joyce quem escolheu aquela ficha.

Ron repara que ela está vestindo um cardigã novo. Ela não tem jeito mesmo.

— Você disse que não ia usar maquiagem, Ron — observa Joyce.

— Eles forçam você a usar — diz Ron. — Essa é a Pauline.

— Olá, Pauline. Você vai ter um trabalhão aqui.

— Já lidei com coisa pior. Eu trabalhava na produção do *Casualty*, aquela série médica.

A porta se abre de novo. Entra um operador de câmera seguido por um técnico de som e, logo depois, o brilho de cabelos brancos, o discreto esvoaçar de um terno caro e o cheiro perfeito, masculino porém sutil, de Mike Waghorn. Ron repara que Joyce ficou corada. Ele reviraria os olhos se não estivessem passando corretivo no seu rosto.

— Bem, aqui estamos — diz Mike, cujo sorriso é tão imaculado quanto seus cabelos. — Vocês estão olhando para Mike Waghorn, primeiro e único, não aceitem imitações.

— Ron Ritchie.

— O próprio, sem tirar nem pôr — comenta Mike, pegando a mão de Ron. — Não mudou nadinha, não é? Estou me sentindo num safári, vendo um leão de perto, Sr. Ritchie. Esse homem não é um leão, Pauline?

— Impressionante, sem dúvida — concorda Pauline, passando pó na bochecha de Ron.

Ron observa Mike virar devagar a cabeça na direção de Joyce, despindo o cardigã novo dela com os olhos.



— E a quem devo a honra?

— Joyce Meadowcroft. — Ela quase faz uma reverência.

— Encantado — cumprimenta Mike. — Você e o magnífico Sr. Ritchie então são um casal, Joyce?

— Não, Deus do céu, não, não, de jeito nenhum, nossa, nem pensar. Somos amigos. Sem ofensa, Ron.

— Amigos, entendo — diz Mike. — Ron é um homem de sorte.

— Para de flertar, Mike — intervém Pauline. — Ninguém está interessado.

— Ah, a Joyce está interessada, sim — afirma Ron.

— Estou — confirma Joyce.

Falou para si, mas alto o suficiente para ser ouvida.

A porta se abre mais uma vez e Ibrahim enfia a cabeça pela abertura. Bom garoto! Agora só falta Elizabeth.

— Estou atrasado?

— Chegou bem na hora — garante Joyce.

O técnico de som ajusta o microfone na lapela de Ron, que, por insistência de Joyce, está usando um blazer por cima da camisa do West Ham. É desnecessário, na opinião dele. Chega a ser um sacrilégio. Ibrahim se senta ao lado de Joyce e observa Mike Waghorn.

— O senhor é muito bonito, Sr. Waghorn. Uma beleza clássica.

— Obrigado — diz Mike, com um aceno de cabeça. — Eu jogo squash, passo hidratante e o resto fica por conta da natureza.

— E gasta umas mil libras por semana em maquiagem — acrescenta Pauline, dando os retoques finais em Ron.

— Eu também sou bonito, sempre comentam — diz Ibrahim. — Creio que se minha vida tivesse tomado outro rumo, talvez pudesse ter sido apresentador de telejornal que nem você.

— Eu não sou apresentador de telejornal — rebate Mike. — Sou um jornalista que por acaso apresenta o jornal.

Ibrahim concorda.

— Uma mente afiada. E bom faro para reportagens.

— Bem, por isso estou aqui — afirma Mike. — Assim que li o e-mail, logo senti o potencial para uma boa reportagem. Uma nova forma de viver, comunidades para aposentados e o rosto famoso de Ron Ritchie no meio de tudo. Pensei: “Ah, o público vai adorar.”

Tudo esteve tranquilo por algumas semanas, mas Ron está animado que agora a turma voltou à ativa. A entrevista é puro stratagem. Foi induzida

por Joyce no intuito de atrair Mike Waghorn para Coopers Chase. Para ver se ele poderia ajudá-los no caso. Joyce mandou um e-mail para um dos produtores. Mas isso também significava que Ron ia voltar a aparecer na TV, o que o deixava bastante feliz.

— O senhor quer jantar com a gente depois, Sr. Waghorn? — convida Joyce. — Reservamos uma mesa para as cinco e meia. Depois do horário de pico do restaurante.

— Por favor, me chame de Mike. E sinto muito, mas não vou poder. Tento não me misturar com o público. Sabe como é, privacidade, germes, esse tipo de coisa. Tenho certeza de que vocês entendem.

— Ah — diz Joyce.

Ron percebe a decepção da amiga. Ele não conseguia imaginar que houvesse, em Kent ou Sussex, alguém mais fã de Mike Waghorn do que Joyce. Ou, pensando melhor, Ron não queria nem imaginar que tal pessoa existisse.

— Sempre tem álcool de sobra — comenta Ibrahim com Mike. — E suspeito que muitas fãs suas estarão por lá.

Mike parou para pensar.

— E podemos te contar tudo a respeito do Clube do Crime das Quintas-Feiras — acrescenta Joyce.

— O Clube do Crime das Quintas-Feiras? — repete Mike. — Parece algo inventado.

— Tudo é inventado, se pararmos para pensar — observa Ibrahim. — O álcool, por sinal, é subsidiado. Tentaram acabar com isso, mas fizemos uma reunião e eles voltaram atrás. E você estará livre antes das sete e meia.

Mike olha para o relógio e para Pauline.

— Dá pra gente comer rapidinho?

Pauline se dirige a Ron.

— Você vai estar lá?

Ron olha para Joyce, que confirma com um aceno determinado de cabeça.

— Pelo jeito vou.

— Então dá — diz Pauline.

— Ótimo, ótimo — comenta Ibrahim, animado. — Gostaríamos de conversar com você sobre uma questão, Mike.

— E do que se trata?

— Tudo em seu devido tempo — responde Ibrahim. — Não quero desviar o foco do Ron.

Mike se senta numa poltrona em frente a Ron e começa a contar até dez. Ibrahim se aproxima de Joyce e comenta:

— Ele está testando o volume do microfone.

— Eu sei — responde ela, e Ibrahim assente. — Obrigada por conseguir que ele fique para o jantar. Nunca se sabe, não é?

— Nunca se sabe, Joyce, é verdade. Talvez vocês dois se casem antes do fim do ano. E, mesmo que não seja o caso, algo para o qual também devemos nos preparar, com certeza teremos muitas informações a respeito de Bethany Waites.

A porta é aberta mais uma vez e Elizabeth entra. Agora todos estão presentes. Ron finge não estar emocionado. A última vez que reunira um grupo de amigos assim foi quando estavam todos sendo hospitalizados por causa dos escudos do batalhão de choque durante a greve dos tipógrafos de Wapping. Bons tempos.

— Façam de conta que nem estou aqui — diz Elizabeth. — Ron, você parece diferente. O que foi? Parece... saudável.

Ron resmunga, mas nota que Pauline sorriu. E deve admitir que é um baita sorriso. Seria ela muita areia para o seu caminhãozinho? Sessenta e muitos, talvez meio nova para ele? Como anda esse caminhãozinho, aliás? Faz tempo que ele não checa. De qualquer forma, que sorriso.

Pode ser difícil comandar uma quadrilha multimilionária de traficantes de dentro de uma cela. Mas, como Connie Johnson vem descobrindo, impossível não é.

A maior parte dos carcereiros está do seu lado. E por que não estaria? Ela molha a mão de bastante gente. Mas ainda há um ou outro guarda que não entra no esquema, e só esta semana ela já teve que engolir dois chips SIM ilegais.

Os diamantes, os assassinatos, a bolsa de cocaína. Tinham armado uma das grandes para cima dela, e seu julgamento seria dali a dois meses, mas, até lá, pretende continuar tocando os negócios. Talvez a considerem culpada, talvez não, mas Connie prefere pecar pelo otimismo em tudo. Foque no sucesso, era o que dizia sua mãe, apesar de ter morrido cedo, atropelada por uma van cujo motorista não tinha seguro.

Além de tudo, é bom se manter ocupada. A rotina é importante na prisão. Outra coisa importante é ter aspirações. No caso de Connie, matar Bogdan. Ele é a razão de ela estar ali e, com ou sem olhos cintilantes como lagos numa montanha, ele já era.

E o velho também. Aquele que o ajudou a armar para cima dela. Ela andou perguntando e descobriu que se chama Ron Ritchie. Ele já era também. Connie vai esperar até o fim do julgamento (o júri não gosta quando alguém mata as testemunhas), mas depois acabará com ambos.

Vasculhando o celular, Connie descobre que um dos homens que trabalham no prédio administrativo da prisão está no Tinder. É careca e posa ao lado de um Volvo na foto, veja só... Mas ela desliza para a direita do mesmo jeito, pois nunca se sabe quando alguém será necessário. E pronto, dão match na mesma hora. *Quelle surprise!*

Connie andou pesquisando sobre Ron Ritchie. Pelo visto, foi famoso nos anos 1970 e 1980. Ela observa a foto dele no celular, um rosto que mais sugere um boxeador malsucedido, gritando no megafone. É evidente que se trata de um homem que gosta dos holofotes.

*Que sorte você tem, Ron Ritchie, pensa Connie. Vai ser famoso de novo quando eu acabar com a sua raça.*

Uma coisa é certa: Connie fará de tudo para passar o mínimo de tempo possível na cadeia. E, quando sair, aí é que o pandemônio vai começar de verdade.

Às vezes, na vida, é preciso apenas ser paciente. Pelas grades da janela, Connie observa o pátio da prisão e as colinas à distância. E liga a máquina de Nespresso.

Mike e Pauline foram jantar com eles.

Ibrahim adora quando a turma está toda reunida. Reunida e com uma missão. Joyce fizera questão de que investigassem o caso de Bethany Waites. Ibrahim concordara no ato. Em primeiro lugar, por ser um caso interessante. Um caso jamais solucionado. Mas, em especial, porque se apaixonara por Alan, o novo cachorro de Joyce, e temia que ela limitasse seu acesso ao bicho se fosse contrariada.

— Vinho tinto, Mike? — oferece Ron, com a garrafa erguida.

— Qual é? — pergunta Mike.

— Como assim?

— Que vinho é esse?

Ron dá de ombros.

— É tinto, quem faz eu não sei.

— Tudo bem, vamos viver perigosamente, só desta vez — responde Mike, deixando que o outro lhe sirva.

Queriam muito conversar com Mike Waghorn sobre o assassinato de Bethany Waites. Presume-se que ele tenha informações que não constam nos arquivos oficiais. Mike, é óbvio, ainda não sabe disso. Está apenas degustando vinho de graça com quatro aposentados inofensivos.

Ibrahim terá paciência e, antes de começar a indagar sobre o assassinato, deixará Joyce perguntar várias outras coisas a Mike. Sabe quanto ela está entusiasmada por conhecê-lo. Ela anotou tudo o que queria saber num caderninho e o guardou na bolsa para o caso de esquecer de alguma coisa.

Agora que Mike tem à sua frente uma taça de vinho tinto não identificado, Joyce se sente habilitada a iniciar os trabalhos.

— Quando você apresenta as notícias, está tudo escrito ou permitem que você use suas próprias palavras, Mike?

— É uma ótima pergunta. Perceptiva, vai direto ao cerne da questão. Tudo já vem escrito, mas nem sempre eu me atenho ao roteiro.

— Você conquistou esse direito depois de tantos anos — concede Joyce. Mike concorda.

— Mas, de vez em quando, isso me traz problemas. Já me mandaram fazer um curso de imparcialidade em Thanet.

— Que bom para você — diz Elizabeth.

Ibrahim observa Joyce dar uma rápida espiada no caderninho dentro da bolsa.

— Você usa alguma roupa especial para entrar ao vivo? — pergunta Joyce. — Meias da sorte, algo assim?

— Não.

Joyce assente, um pouco decepcionada, e dá mais uma olhada no caderninho.

— E como faz quando precisa ir ao banheiro no meio do programa?

— Por favor, Joyce — reclama Elizabeth.

— Vou antes de começar — responde Mike.

Por mais divertida que seja a situação, Ibrahim conjectura se já não seria a hora de ele dar início ao tema da noite.

— Então, Mike, nós queríamos...

Joyce pousa a mão no braço do amigo.

— Ibrahim, perdão, só mais algumas questões. Como é a Amber?

— Quem é Amber? — pergunta Ron.

— Ela apresenta o programa com o Mike — explica Joyce. — Ron, francamente, assim você vai acabar passando vergonha.

— Vivo passando — responde Ron.

Ele fala isso encarando Pauline, que, na opinião de Ibrahim, fez questão de se sentar ao lado de Ron. Aquele é, em geral, o lugar dele, Ibrahim. Mas tudo bem.

— Ela só está no programa há três anos, mas já comecei a gostar dela — comenta Joyce.

— É ótima — concorda Mike. — Vai demais à academia, mas é ótima.

— E tem um cabelo lindo — elogia Joyce.

— Joyce, você deve julgar os apresentadores de telejornal por suas habilidades jornalísticas — argumenta Mike. — Não pela aparência. Apresentadoras, em particular, já têm que lidar muito com isso.

Joyce confirma com um aceno de cabeça, bebe meia taça de vinho branco e repete o gesto de concordância.

— Entendo seu ponto, Mike. Só acho que dá para ser muito talentosa e *também* ter um cabelo lindo. Talvez eu seja fútil, mas ambas as coisas têm

importância para mim. Claudia Winkleman é um bom exemplo. Você também tem um cabelo lindo.

— Vou querer o filé, por favor — declara Mike ao garçom que chegou para anotar os pedidos. — Ao ponto para mal. Na dúvida, pode fazer mais para mal. Mas, se ficar mais ao ponto, tudo bem, não é o fim do mundo.

— Andei lendo que você é budista, Mike... — Ibrahim passara a manhã pesquisando sobre o convidado.

— Sou. Há uns trinta e tantos anos.

— Ah — reage Ibrahim. — Eu tinha a impressão de que budistas eram vegetarianos. Tinha quase certeza disso.

— Também pertença à Igreja Anglicana — rebate Mike. — Então escolho com cuidado baseado no que quero. É esse o significado de ser budista.

— Ah, não sabia — responde Ibrahim.

Mike já está na segunda taça de vinho tinto e parece pronto para se ver no centro das atenções. Tudo como planejado.

— Mas então, me contem desse Clube do Crime das Quintas-Feiras — pede ele.

— É algo bem sigiloso — explica Ibrahim. — Mas o principal é que nos encontramos uma vez por semana, os quatro, para examinar antigos arquivos policiais. Para ver se conseguimos solucionar algo que os investigadores deixaram passar.

— Parece um hobby divertido — opina Mike. — Fuxicar antigos assassinatos. Imagino que deixe vocês bem ocupados, que bote a massa cinzenta para funcionar. Ron, vamos pedir mais uma garrafa do tinto?

— Nos últimos tempos, os assassinatos têm sido mais recentes — declara Elizabeth, tornando a isca ainda mais sedutora.

Mike ri. É óbvio que não acha que Elizabeth esteja falando sério. Talvez seja melhor assim. Não querem assustá-lo logo de cara.

— Pelo jeito vocês não se importam em arranjar uma ou outra confusão — diz Mike.

— Eu sempre atraí encrenca — admite Ron.

Pauline enche a taça dele e comenta:

— Bem, tome cuidado, Ron, porque eu sempre fui encrenca *certa*.

Ibrahim repara na reação de Joyce, um sorriso sutil e contido. Decide que antes de tentarem conduzir o foco da conversa lenta e delicadamente para Bethany Waites ele tem sua própria pergunta a fazer. Vira-se para Pauline.

— Você é casada, Pauline?



— Viúva.

— Ah, mas é claro! — diz Joyce.

Ibrahim reparava que, esta noite, com a combinação de vinho e a presença de uma celebridade, ela está toda serelepe.

— Está sozinha há quanto tempo? — pergunta Elizabeth.

— Seis meses.

— Seis meses? Isso não é nada — comenta Joyce, apoiando a mão na da convidada. — Com seis meses, eu ainda colocava uma fatia extra de pão na torradeira todos os dias.

Seria aquele o melhor momento? Vamos lá, pensa Ibrahim. Hora de dar uma sutil guinada na conversa e encaminhá-la para Bethany Waites. Um número de dança delicado, do qual ele é o coreógrafo principal. Seu primeiro movimento já está todo planejado.

— Então, Mike, queria saber se você...

— Vou dar uma informação de graça — diz Mike, ignorando Ibrahim, sua taça de vinho fazendo círculos pelo ar. — Se querem um assassinato para resolver, tenho um nome para vocês.

— E qual seria? — pergunta Joyce.

— Bethany Waites — responde Mike.

Ele está no papo. O Clube do Crime das Quintas-Feiras sempre consegue o que quer. Ibrahim reparava, e não é a primeira vez, que as pessoas caminham na direção de suas armadilhas de muito bom grado.

Mike lhes narra a história que já conhecem da ficha policial. Todos assentem o tempo inteiro, como se tudo fosse novidade. Bethany Waites, jovem repórter brilhante. A grande reportagem que estava preparando, uma fraude gigantesca referente ao IVA, o Imposto sobre Valor Agregado, e então a morte inexplicada. O carro dela despencando do Shakespeare Cliff na calada da noite. Mas Mike não oferece nada de novo. Ele lhes mostra a última mensagem que Bethany lhe enviou, na noite anterior à sua morte.

Eu não digo isso tanto quanto deveria, mas obrigada.

Tocante, sem dúvida. Mas nada que já não soubessem. Talvez a maior revelação da noite tenha sido a de que Mike Waghorn vai ao banheiro antes de entrar no ar. Ibrahim decide arriscar.

— Mas e as mensagens das semanas anteriores? Tinha algo fora do comum? Algo de que a polícia não saiba?

Mike vasculha suas mensagens e destaca alguns pontos.

— Ela me perguntou se eu estava a fim de sair para beber, se tinha assistido a *Line of Duty*... Tem uma mensagem aqui sobre a reportagem dela, mas é de algumas semanas antes. Interessados?

— Nunca se sabe o que pode ser relevante — diz Elizabeth, servindo a Mike mais uma taça de vinho tinto.

Mike lê da tela de seu celular.

— “Capitão...” era como ela me chamava.

— Entre outras coisas — acrescenta Pauline.

— “Novas infos. Não posso dar detalhes, mas são mais explosivas que dinamite. Tô chegando perto do xis da questão.”

Elizabeth faz um sinal positivo com a cabeça.

— E ela contou em algum momento quais eram essas novas informações? — pergunta.

— Nunca contou — responde Mike. — Olha, vou dizer para vocês, esse tinto até que não é tão ruim.

A sensação da policial Donna de Freitas é a de que alguém acabou de abrir espaço para alguns raios de sol passarem por entre as nuvens da sua vida.

Sente-se inundada de calor, revitalizada por prazeres ao mesmo tempo inteiramente familiares e completamente novos. A vontade é de chorar de felicidade e rir com a alegria descomplicada da vida. Se alguma vez já se sentiu tão feliz, não lhe vem à mente de imediato quando poderia ter sido. Se os anjos a carregassem naquele exato instante (e, a julgar pela taquicardia, não seria algo impossível), ela se deixaria ser levada e ainda agradeceria aos céus por uma vida bem vivida.

— Como foi pra você? — pergunta Bogdan, acariciando o cabelo dela.

— Foi bom — responde ela. — Para uma primeira vez.

Bogdan assente.

— Acho que posso fazer melhor.

Donna afunda o rosto no peito de Bogdan.

— Você tá chorando? — pergunta ele.

Donna balança a cabeça sem erguê-la. Qual será a pegadinha ali? Será que vai ser coisa de uma noite só? E se esse for o estilo do Bogdan? Ele é um cara mais na dele, não é? E se não estiver emocionalmente disponível? E se amanhã à noite já houver outra mulher nesta cama? Uma loira qualquer de vinte e poucos anos?

No que ele está pensando? Ela sabia que aquela era a única pergunta que não deveria ser feita a um homem. Quase sempre não estão pensando em nada, são pegos de surpresa e levados a inventar algo. Ainda assim, ela gostaria de saber. O que se passaria por trás daqueles olhos azuis? Olhos capazes de pregá-la a uma parede. O puro azul de... per aí, *ele* está chorando?

Donna se senta, preocupada.

— Você tá chorando?

Bogdan faz que sim.

— Por quê? O que aconteceu?

Bogdan a encara entre lágrimas e responde:

— Estou tão feliz que você está aqui.

Donna dá um beijo numa das lágrimas em seu rosto.

— Alguém já viu você chorar antes?

— O dentista uma vez. E minha mãe. A gente pode sair de novo?

— Ah, acho que sim, e você?

— Acho que sim.

Donna repousa a cabeça no peito dele de novo e acomoda-se sobre uma tatuagem de uma faca envolvida em arame farpado.

— Quem sabe na próxima vez a gente não faz um programa diferente?  
— sugere Donna. — Algo que não seja comer no Nando's e jogar laser tag?

— Combinado. Quem sabe na próxima vez eu escolho?

— É, acho melhor. Não sou muito boa nisso. Mas você se divertiu?

— Aham, eu gostei do laser tag.

— Gostou mesmo, né? Pegou as crianças daquela festa de aniversário totalmente desprevenidas.

— Foi uma boa lição pra elas — explica Bogdan. — Quando o negócio é lutar, aprender a se esconder é uma das partes mais importantes. É bom saber isso desde cedo.

Donna olha para a mesa de cabeceira de Bogdan. Há um flexor de punho ajustável, uma lata de Lilt e a medalha dourada de plástico que ele ganhou no laser tag. O que ela teria encontrado ali? Um companheiro de viagem?

— Você de vez em quando se sente diferente das outras pessoas, Bogdan? Como se observasse tudo de fora?

— Bom, inglês não é minha língua materna. E eu não entendo nada de críquete. Você se sente diferente?

— Eu me sinto. As pessoas fazem eu me sentir diferente, acho.

— Mas às vezes você gosta de se sentir diferente? Isso pode ser bom?

— Sim, às vezes. Eu gostaria de poder escolher que vezes são essas. Na maioria dos dias, eu só queria poder ser mais uma na multidão, mas isso não é possível em Fairhaven.

— Todo mundo quer se sentir especial, mas ninguém quer se sentir diferente — comenta Bogdan.

Olha só esses ombros. Duas perguntas ocorrem a Donna de uma vez: será que os casamentos na Polônia são como os na Inglaterra? E tudo bem se eu me virar e tirar um cochilo?

— Posso perguntar uma coisa pra você, Donna?

Bogdan soa bastante sério de repente.

Ih, lá vem.

— Lógico. Qualquer coisa. — Qualquer coisa sensata.

— Se você tivesse que assassinar alguém, como faria?

— Hipoteticamente? — pergunta ela.

— Não, de verdade. A gente não é criança. Você é da polícia. Como faria? Pra não ser pega?

Hum. Seria esse o lado ruim de Bogdan? Seria ele um *serial killer*? Ficaria difícil relevar algo assim. Se bem que, com esses ombros, impossível não seria.

— Mas por que isso agora? — pergunta Donna. — Por que você me perguntou isso?

— Dever de casa que a Elizabeth me passou. Ela quis saber a minha opinião.

Tudo bem, isso faz sentido. Que alívio. Bogdan não é um maníaco homicida, Elizabeth que é.

— Acho que eu usaria veneno — responde Donna. — Enfim, algo que não pudesse ser detectado.

— É, fazer parecer uma coisa natural. Fazer com que não pareça um assassinato.

— Talvez atropelaria a pessoa tarde da noite — sugere Donna. — Qualquer coisa que não demande encostar no corpo, porque é aí que a perícia pega você. Ou uma arma, tranquilo, simples, papum!, resolve o problema rápido, tudo longe de câmeras de segurança. Também é fundamental planejar a rota de fuga. Sem perícia, sem testemunhas, sem corpo para enterrar. É como eu faria. E deixaria o celular desligado, ou largaria num táxi, para que estivesse a quilômetros de distância quando eu cometesse o crime. Subornaria uma enfermeira pra talvez conseguir uns frascos de sangue de estranhos e deixar no corpo. Ou...

Bogdan a encara. Será que ela falou demais? Talvez fosse melhor mudar de assunto.

— O que Elizabeth anda aprontando? — pergunta Donna.

— Ela disse que uma pessoa foi assassinada.

— Pra variar.

— Mas assassinada num carro que foi jogado de um penhasco. Eu não mataria alguém assim.

— Um carro jogado de um penhasco? Ok, isso eu consigo imaginar — comenta Donna. — E por que a Elizabeth está investigando?

Bogdan dá de ombros.

— Acho que é porque a Joyce queria conhecer alguém que aparece na TV. Não sei se entendi direito.

Donna concorda. Parece bem o estilo das duas.

— Havia marcas no corpo? Como se a pessoa tivesse sido morta antes de o carro despencar do penhasco?

— Não tem corpo, só umas roupas e um pouco de sangue. O corpo foi atirado pra fora do carro.

— Conveniente para o assassino — comenta Donna.

Ela não estava habituada a esse tipo de conversa pós-sexo. O comum era ter que ouvir algo sobre a moto do sujeito ou sobre a ex que ele acabara de se dar conta de que ainda amava. Ou então precisar tranquilizá-lo, dizer que não tinha problema.

— Mas espetacular isso — continua ela. — Caso o assassino queira mandar um recado para alguém. Difícil de ignorar.

— Achei complicado demais. Para um assassinato. Carro, penhasco... ah, fala sério, né.

— E você agora é expert em assassinatos?

— Eu leio muito.

— Qual é o seu livro preferido da vida?

— *O coelhinho de veludo* — responde Bogdan. — Ou a autobiografia do Andre Agassi.

Será que Bogdan mataria Carl, seu ex? Donna já fantasiou a morte dele algumas vezes. Talvez Bogdan pudesse jogar do penhasco aquela merda daquele Mazda do Carl. Mas, no mesmo instante em que o pensamento lhe ocorre e ela se estica — como um gato à procura de um lugar para pegar sol —, ela percebe que já não se importa mais com Carl. *Não seja mesquinha, Donna. Deixe Carl viver.*

— Ela podia ter pedido ajuda a mim e ao Chris — comenta Donna. — Poderíamos ter dado uma olhada no caso. Você lembra o nome da vítima?

Bogdan dá de ombros.

— Bethany alguma coisa. Mas eles gostam de fazer tudo sozinhos.

— Gostam mesmo — concorda Donna, atirando o braço sobre aquele peitoral sem fim. Raras vezes se sentira tão maravilhosamente insignificante. — Eu gosto de falar de assassinatos com você, Bogdan.

— Eu também gosto de falar de assassinatos com você, Donna. Mas acho que isso não foi um assassinato. Parece muito conveniente.

Donna ergue o rosto mais uma vez para encarar aqueles olhos.

— Bogdan, você me *promete* que essa não foi a última vez que a gente transou? Porque eu queria muito dar uma dormida agora, mas queria acordar e transar de novo.

— Prometo — diz Bogdan, fazendo carinho no cabelo dela.

É assim que uma pessoa deve cair no sono, pensa Donna. Como ela nunca soube disso antes? Segura, feliz, saciada. E assassinatos e Elizabeth e tatuagens, e ser diferente e ser igual, e carros e penhascos e roupas, e o amanhã e o amanhã e o amanhã.

É uma quinta-feira como outra qualquer, e as coisas finalmente deveriam estar voltando ao normal. Quando o Clube do Crime das Quintas-Feiras está envolvido, no entanto, os problemas nunca ficam longe por muito tempo. Depois de desafiar a máfia e participar de um roubo de diamantes, o quarteto de detetives septuagenários se debruça sobre um crime cometido uma década antes: o assassinato de uma jornalista local, cuja investigação gera muito mais perguntas do que respostas.

Para dificultar a situação, um inimigo misterioso impõe a Elizabeth uma tarefa ingrata: matar um velho conhecido — ou se recusar e acabar morta. Assim, enquanto ela luta com sua consciência, Joyce, Ron e Ibrahim seguem as pistas do homicídio, auxiliados por um círculo de comparsas bem eclético.

Entre saídas com celebridades e espões, visitas à prisão, encontros românticos e novos amigos, o Clube do Crime das Quintas-Feiras se lança em uma aventura repleta de intrigas e comportamentos que facilmente ultrapassam os limites da legalidade. Desta vez, porém, os riscos parecem ainda maiores, assim como os segredos dentro e fora da investigação.

Com milhões de exemplares vendidos no mundo todo, Richard Osman aposta mais uma vez em seus personagens irresistíveis para criar uma narrativa inteligente e divertidíssima. Com doses certeiras de humor, *A bala que errou o alvo* promete ser um verdadeiro deleite para quem gosta de um bom suspense — e para quem é fã de velhinhos que adoram se meter em confusão.

**SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1218/>